



Afinal, Quem Precisa de Quem? Relação entre Dominantes e Colunistas Sociais¹

Karina Garcia CRUZ²
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O artigo em vista traz um mapa teórico contemporâneo que permitiu mostrar, de maneira sucinta, a corrida das tradições sociológicas pela legitimidade. O mapa serviu ainda para situar a perspectiva inovada do Estruturalismo de Pierre Bourdieu. Este autor foi digno de ampla abordagem pelo fato de seus trabalhos contribuírem para o estudo das múltiplas estratégias adotadas pelos dominantes objetivando a reprodução de seu poder, proporcionada pela sincronia de atitudes tomadas pelos sistemas sociais em favor deste grupo. O presente trabalho permitiu mostrar que os colunistas sociais, através dos meios de comunicação, disseminam o poder exercido pela classe dominante, mas que a relação entre estes dois grupos se dá pela reciprocidade de interesses, na qual ambas intencionam assegurar seus espaços privilegiados entre os poderosos.

PALAVRAS-CHAVE: tradições sociológicas; estruturalismo de Pierre Bourdieu; poder; colunistas sociais; dominantes.

INTRODUÇÃO

O enobrecimento de algumas teorias sociológicas está relacionado a um conjunto complexo de fatores (seja devido a melhor explicação para os considerados problemas sociais, imposição de visões políticas, condições sócio-históricas, entre outros), que acabam fazendo das Ciências Sociais um terreno fértil de prélios intelectuais. Convém salientar que a intenção aqui é de retomar algumas teorias sociológicas para situar *a posteriori* o pensamento bourdieusiano, tido como a chave para a explicação da reprodução do poder dos dominantes através do colunismo social.

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, ambas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: karinagarciaufs@yahoo.com.br



Vale ressaltar também, de antemão, que este trabalho faz parte de pesquisas em curso que integrarão minha dissertação de mestrado, a qual investiga as formas de relações sociais, consagração, inclusive elos de poder firmados entre colunistas sociais e grupos dirigentes sergipanos. Respostas ao longo do artigo foram apresentadas a partir das investigações realizadas.

Entretanto, agora adentrando ao estudo teórico, é válido afirmar que o século XX foi considerado um período de grande efervescência intelectual e de batalhas entre correntes de pensamento na corrida pela proeminência das Teorias Sociológicas, e que incluem os estudos da Comunicação. Nessa época, enquanto a Europa sofria a pressão dos regimes totalitários, os Estados Unidos da América (EUA) viviam momento marcado por desenvolvimentos nos setores da academia, da economia, da política e da cultura. Assim, intelectuais europeus fugiram de suas regiões e foram acolhidos nos EUA podendo, desta forma, seguir com suas pesquisas. Cabe afirmar que as Ciências Sociais foram mobilizadas antes mesmo do período entre-guerras na busca da compreensão da influência e dos efeitos da mídia sobre os receptores (MATTELART, 2010).

Sem embargo, em meio às disputas entre as grandes Escolas norte-americanas (Chicago, Columbia e Harvard), Talcott Parsons lança-se ao desafio de formular o paradigma³ sociológico contemporâneo que desafiou as teorias dos autores clássicos⁴. Para Giddens (1998), a intenção de Parsons era mostrar que a sua geração tinha a teoria mais adequada nas Ciências Sociais. Ele pertence à corrente teórica denominada Funcionalismo, junto com Robert Merton (Universidade de Columbia) e Paul Lazarsfeld (*Bureau of Applied Social Research*). De origem alemã, este último autor contribuiu com a elaboração de estudos estatísticos, matemáticos, métodos com questionários, diálogos aplicados à comunicação, entre outros. Foi duramente criticado pelo sociólogo russo e pesquisador na Universidade de Harvard, Pitirim Sorokin, no que ele denominou quantofrenia (LALLEMENT, 2004).

O Funcionalismo parsoniano enfatizava a ação social e a aquisição dos indivíduos aos modelos de normas e regras sociais para estarem “de acordo”. Dito de outra forma, tais valores deveriam ser interiorizados e reproduzidos por meio da ação.

³ Muitos cientistas discordam que haja paradigmas nas Ciências Sociais por causa da ausência de consenso. Para Thomas Kuhn (2009, p.35), “a história sugere que a estrada para um consenso estável na pesquisa é extraordinariamente árdua”.

⁴ Os clássicos são representados por Marx, Weber e Durkheim, entre outros. Na visão de Giddens (1998, p.15), “os clássicos são os fundadores que ainda falam para nós com uma voz que é considerada relevante”.



Dentro da perspectiva parsoniana, o sistema social é tido como uma espécie de organismo em que as partes integrantes cumprem a função de conservar o sistema (WOLF, 2008). Sendo assim, a orientação normativa é tida como um termo-chave para compreender os interesses do estrutural funcionalismo (PARSONS, 2010). Para este autor, os aparelhos midiáticos deveriam servir para promoverem a coesão e organização social a partir da incorporação das regras sociais.

Em 1970, as microsociologias pragmáticas da Escola de Chicago se sobressaíram na nova fase por darem respostas mais rápidas aos problemas sociais que a Teoria de Parsons já não dava conta. Fundada por Everett Hughes⁵ (1897-1983), a tradição Interacionista parecia ganhar posição de prestígio na Sociologia atual pelos seus estudos ligados à profissão, ao comportamento desviante e às doenças (LALLEMENT, 2004). Somam-se às preocupações desta tradição os problemas como imigração, criminalidades, os modos de comunicação e a reflexão sobre o papel das ferramentas científicas a fim de sanar os desequilíbrios sociais.

Para o conjunto dos pensadores da linha interacionista, são os indivíduos que se localizam no cerne das investigações desenvolvidas, e a comunicação destaca-se por intermediar as relações interacionais. O método que se eleva é o da observação *in situ*, pois este “permite resgatar a experiência imediata e a maneira como, na e pela interação, os atores atribuem um sentido aos objetos, às situações e aos símbolos” (LALLEMENT, 2004, p. 294). De acordo com Collins (2009), a tradição microinteracionista vai de Charles Horton Cooley, W.I. Thomas e George Herbert Mead, passando por Harold Garfinkel e depois pelos etnometodólogos.

A Etnometodologia não só sofreu influência das pesquisas de Chicago mas também da Fenomenologia. Esta ganhou reconhecimento graças aos trabalhos do filósofo Edmund Husserl. De acordo com Lallement (2004), a fenomenologia é voltada ao discurso filosófico de caráter descritivo que se alimenta segundo o mundo vivencial das pessoas.

Nesse cenário, outra teoria relevante foi a Teoria das Trocas. O estudioso Homans⁶ (1958,1961), ao apresentar essa vertente de pensamento, acabou por renovar

⁵ Everett Hughes foi professor na Escola de Chicago e depois em Montreal. Publicou vários livros, dentre eles *Men and Their Work* (1958) e *The Sociological Eyes* (1971).

⁶ Segundo Alexander (1987), na perspectiva racionalista de Homans, todas as forças que agem sobre os indivíduos deviam ser tomadas de maneiras externa e objetivada.



“a própria posição utilitarista que constituía a base mais antiga e mais vigorosa da crítica de Parsons (1937)” (ALEXANDER, 1987, p. 20).

É pertinente também fazer menção à Teoria do Conflito (1950), uma vez que propõe uma discussão dos preceitos que fundam a ordem social. Esta teoria combate diretamente as visões que norteiam o paradigma estrutural-funcionalista. Tanto na Itália quanto na França, o marxismo voltado à discussão da exploração de classes é utilizado explicar o conflito, porém, nos EUA e em diversos países anglo-saxões, é Daniel Bell junto a Edward Shils que “lançam a ideia do fim das ideologias, do desaparecimento das rupturas geradoras de visões de mundo fechadas, sistemáticas e contraditórias” (Birnbaum, 1995, p. 249), num momento em que o consumo se fazia ainda mais presente na vida das pessoas.

Para muitos, a voz mais tônica desta corrente é a de Wright Mills⁷, pois, dentre outros motivos, se sobressaiu a sua obra *The Power Elite*. Nela, Mills revelou quem ocupava as posições de elite na sociedade norte-americana, tais como as corporações empresariais, os burocratas do Governo Federal e a burocracia militar do Pentágono. Outra preocupação deste autor situa-se nos tipos de lazer, em que contestava as formas de diversão que transformariam os indivíduos em robôs alegres (MATTELART, 2010). Lançaram-se sobre o estudo do Conflito de Classes⁸ autores como Georg Simmel, Thomas H. Marshall, Ralf Dahrendorf e Lewis Coser (LALLEMENT, 2004).

Entre os anos de 1960 e 1970, a corrente do Estruturalismo⁹ faz do intelectual Claude Lévi-Strauss seu sinônimo mais fiel. A maioria de suas publicações (As estruturas elementares do parentesco, de 1949; Tristes Trópicos, de 1955; Antropologia estrutural, de 1958, entre outras) retratavam o universo tribal em todas as formas de expressão cultural.

Em 1980, embora outrora rechaçada do conjunto dos estudos sociológicos que a procederam, a teoria de Parsons foi revigorada. As atuais perspectivas deram nova roupagem ao estudo parsoniano adotando atitudes mais críticas e, ao mesmo tempo, construtivistas. As obras mais proeminentes dessa vertente inaugurada foram *Explorations in General Theory in Social Science: essays in honor of Talcott Parsons*, (1976), de Jan J. Loubser, Rainer C. Baum, Andrew Effrat e Victor M. Lidz, e

⁷ Wright Mills sofreu forte influência de Marx, Weber e Mannheim.

⁸ Ver Lallement (2004, p. 225-246)

⁹ De maneira resumida, o Estruturalismo é uma corrente de pensamento que estuda as funções dos elementos que se fazem presentes num sistema.



Theoretical Logic in Sociology, publicada em 4 volumes por Jeffrey C. Alexander (MÜNCH, 1999).

Fortaleceram o ressurgimento da teoria parsoniana autores do porte de Habermas¹⁰ e Wolfgang Schluchter¹¹. De modo superficial, estes pensadores esforçaram-se tanto para integrar quanto para superar o positivismo e o idealismo numa teoria voluntarista da ação (MÜNCH, 1999). A ideia destes pensadores foi de superar as fragilidades da Teoria Parsoniana, recolocando-a em posição de prestígio no cenário das Ciências Sociais.

Para Balle (1995), cabe à Sociologia estudar a Comunicação e os Meios de Comunicação de Massa (MCM) porque a partir deste objeto é possível compreender os vínculos sociais, os problemas que tangem à comunicação de massa e a influência dos MCM junto ao consumo de signos.

Sem embargo, o objetivo central deste trabalho é mostrar como funcionam as estruturas sociais em torno da manutenção dos espaços de privilégio ocupados pelos grupos dirigentes a partir da teoria de Pierre Bourdieu, autor que dedicou-se em clarificar as formas de dominação, e como o Colunismo Social age como instrumento não só de reprodução do poder detido por esta classe como também de consagração. As teorias sociológicas *a priori* apresentadas e a localização dos estudos da comunicação e dos MCM formaram o alicerce e, ao mesmo tempo, o elo entre as análises sociológicas, enfatizando depois o olhar sociológico de Bourdieu acerca da sociedade, e o colunismo social, o qual tem como suporte o veículo de comunicação e que retrata a cultura elitizada.

Respeitando os limites físicos do presente artigo, o mesmo está subdividido em quatro momentos subsequentes. Além da introdução, o segundo mostra não só a dedicação do intelectual Pierre Bourdieu em evidenciar a ação dos dominantes objetivando a ascensão, legitimação e manutenção nas altas esferas, como também a maneira que as estruturas sociais que compunham o todo social convergem para esta finalidade. Neste sentido, o terceiro momento ocupa-se em apontar como o colunismo social, que compreende o trabalho do colunista social (profissional que constrói matérias do universo dos grupos dirigentes) e um suporte físico de MCM consagra elites

¹⁰ Jürgen Habermas realizou pesquisas que objetivaram criar um paradigma compreensivo para analisar a sociedade moderna ancorada numa reflexão crítica acerca da Teoria dos Sistemas de T. Parsons (MÜNCH, 1999).

¹¹ Schluchter, na renovação da sociologia weberiana, utilizou-se de elementos centrais da teoria parsoniana (MÜNCH, 1999).



e conserva as ideologias dominantes ratificando o poderio destes sobre a camada composta pelos homens comuns. No quarto momento encontram-se as análises do referido artigo.

O ESTRUTURALISMO BOURDIEUSIANO E SUA ORIENTAÇÃO PARA O ESTUDO DA DOMINAÇÃO

O intelectual estruturalista¹² P. Bourdieu (1930-2002) é dono de uma vasta literatura que perpassa diversas áreas de pensamento, dentre elas a filosofia, a sociologia, a linguística, comunicação, economia, a própria discussão do gosto, das artes, etc. Suas obras mais célebres são *Esquisse d'une théorie de la pratique*, *La distinction*, *Le sens pratique*, *Homo academicus* e *La noblesse d'Etat*, mas há quem considere outras.

Bem como foi dito acima, a obra bourdieusiana revela, através de um conjunto de análises e estudos, as estratégias da classe dominante para elevar ou manter o domínio sobre outras classes. Assim sendo, esta é a que ocupa espaço no topo da hierarquia social, é a que dita os princípios da hierarquização, conserva suas ideologias, produz ações para legitimar-se e toma as rédeas na definição do mundo social. “A fração dominada (letrados ou intelectuais e artistas, segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização” (P. BOURDIEU, 2011a, p. 12).

Os dominantes exercem sobre os dominados uma espécie de poder denominado, mais especificamente, de Poder Simbólico. E nas palavras do próprio construtor do termo, o poder simbólico tem o “poder de constituir o dado pela enunciação, de ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo [...]” (P. BOURDIEU, 2011a, p.14).

No que tange ao retrato das desigualdades e estratégias de reprodução é possível citar *a priori* uma das principais obras de P. Bourdieu: *Esboço de uma teoria da prática*. Sua importância se deve ao fato do autor ter percebido que na sociedade Kabyla os

¹² De maneira resumida, o Estruturalismo é uma corrente de pensamento que estuda as funções dos elementos que se fazem presentes num sistema.



casamentos aconteciam com objetivos de manutenção ou elevação de posição social nas estruturas de relações do poder (LALLEMENT, 2004).

Por outro lado, o sistema escolar, amplamente investigado por P. Bourdieu, também cumpre o papel de reproduzidor tanto cultural quanto social da dominação. É esse sistema que ao converter as hierarquias sociais em hierarquias escolares, acaba legitimando e perpetuando a ordem social vigente (P. BOURDIEU, 2011b, p. 311).

É por meio do sistema escolar que o fosso que separa e distingue as classes se torna ainda mais profundo. Os alunos que têm sucesso são os herdeiros dos capitais de seus pais. Desta forma, a qualidade escolar do aluno passou a depender da classe, etnia, local de moradia, sexo, entre outros fatores (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002). De acordo com P. Bourdieu (2011b, p. 306),

o sistema de ensino reproduz tanto melhor a estrutura de distribuição do capital entre as classes (e as frações de classe) quando a cultura que transmite encontra-se mais próxima da cultura dominante e quando o modo de inculcação a que recorre está menos distante do modo de inculcação familiar.

Bourdieu (2011b) mostra, através de um estudo estatístico, a diferença de reservas de bens simbólicos e culturais entre os dominantes e os dominados pelos critérios de ida aos museus, leitura de livros, frequência aos teatros e atribui a pouca reserva dos não dominantes à ausência de meios para o acesso, incluindo nisto o fator econômico.

Apesar do alto investimento das altas classes na esfera educacional, tal atitude não garante a perpetuação do poder. Por isso, as estratégias ganham novos formatos, tornando as classes reféns dos momentos histórico, econômico, cultural e político. Assim, P. Bourdieu (2011b) chama atenção para a corrida dos grupos sociais para obtenção de diplomas e outros títulos acadêmicos, que, de certa forma, variam e dependem dos capitais econômicos e simbólicos armazenados. Este autor também não hesita em analisar como as escolas superiores constroem alunos de classes subalternas principalmente os aspirantes ao grau de bacharel (P. BOURDIEU, 1992).

Outro fator que distingue as classes é o gosto ou preferência. Setton (2010) afirma que na visão bourdieusiana, o gosto é o resultado de um conjunto de condições tanto materiais quanto simbólicas que vão sendo acumuladas durante a trajetória educativa de um indivíduo. Segundo a autora, o gosto se manifesta na decoração da

casa, na escolha das músicas, nas vestimentas, na literatura, nas artes, resultando na demarcação social de cada classe.

Na discussão sobre o gosto, mais uma vez P. Bourdieu denuncia como as altas classes se justificam, legitimam e se naturalizam na dinâmica díspar das posses dos bens culturais:

A classe dominante constitui um espaço relativamente autônomo, cuja estrutura é definida pela distribuição, entre seus membros, das diferentes espécies de capital, de modo que cada fração é caracterizada propriamente falando por certa configuração dessa distribuição à qual corresponde, por intermédio do *habitus*, certo estilo de vida [...] (P. BOURDIEU, 2008a, p. 241).

Esta discussão está em uma das obras mais completas dele: *A Distinção, crítica social do julgamento*. Esta é “uma obra na qual Bourdieu desenvolve uma teoria geral do mecanismo de dominação simbólica de classes no capitalismo avançado” (MATTOS, 2011, p. 304). Na perspectiva deste autor sobre a obra, o capital simbólico é um elemento de disputas no que diz respeito à sua posse. Por meio deste capital a alta classe ratifica seu posicionamento na sociedade e esta, por sua vez, decide os critérios de classificação e desclassificação, legitimando a dominação.

Contudo, a atuação de P. Bourdieu atravessou a esfera acadêmica para atuar também na seara política. Foi na *A miséria do mundo* que este intelectual expôs claramente a múltiplas facetas das exclusões sociais decorrentes das prisões, dos internamentos em manicômios, e evidenciou o fracasso humano, o desamparo. Para Mounier (2001, p.227), “audelà de la dimension scientifique de l'ouvrage, *La Misère du Monde* possède une dimension éminemment politique, puisque c'est bien de l'expression publique de points de vue privés qu'il s'agit”.

Através desta obra, P. Bourdieu também expressou suas destrezas e sutilezas enquanto pesquisador ao adotar um sistema linguístico próximo das classes estudadas, a fim de entender seus cotidianos e suas aflições. Sua intenção ao selecionar o sistema linguístico mais adequado às camadas populares era de “reduzir no máximo a violência simbólica¹³ que se pode exercer através deles” (BOURDIEU, 2008b, p. 695).

É válido ressaltar que a pretensão aqui não foi de explorar todos os estudos de P. Bourdieu, até porque não há possibilidade de executar tal tarefa devido às limitações

¹³ A violência simbólica ocorre quando a cultura do dominante, tratada como legítima, é internalizada acriticamente pelo dominado. Este, por sua vez, percebe a situação como natural e inevitável (PASSERON & BOURDIEU, 1970).



físicas do artigo (seria preciso também mais tempo e amadurecimento para tal), mas sim de apresentar, de forma resumida, as marcas de algumas de suas teorias, sua forma de pensar a sociedade, como seus estudos sobre disputas entre as classes se delineiam, para que possam servir de alicerce para o entendimento das relações entre colunistas sociais e grupos dirigentes.

Sendo assim, compreendido como os sistemas sociais funcionam na reprodução do poder dos dominantes, a próxima abordagem pretenderá explanar de que maneira o colunismo social, disseminado pelos meios de comunicação de massa, também ajuda a legitimar, consagrar e manter o poderio pessoas das altas esferas através das relações firmadas.

COLONISMO SOCIAL COMO REPRODUTOR DA DOMINAÇÃO

Diferente da prioridade dada às abordagens de P. Bourdieu, presentes em todo tópico precedente, o atual conta com o apoio de outros autores a fim de compreender como o colunismo social, através dos meios de comunicação, trabalha em prol de grupos sociais privilegiados.

Sinteticamente, os meios de comunicação de massa (rádio, TV, jornal, etc) têm a função não só de informar mas também de reproduzir ideologias e de um conjunto de códigos dominados por apenas alguns grupos. A utilização destes meios é feita para diversas finalidades. No período entre-guerras, por exemplo, os países combatentes viram a necessidade de fazer uso dos MCM para levar aos cidadãos mensagens que os integrassem, tendo em vista o fortalecimento nacional. “As populações diferentes, heterogêneas e diversificadas das sociedades industriais, não estavam unidas pelo sentimento recíproco e aglutinador [...]” (De Fleur & Ball- Rokeach, 1993, p. 179), e assim, as mensagens foram sendo elaboradas meticulosamente visando à simetria dos objetivos dos atores sociais.

Pela influência exercida nos indivíduos-receptores, muitos escritos acabam reproduzindo o termo “o poder da mídia”. Porém, se refletirmos sobre essa expressão, chegaremos ao consenso de que tais meios são apenas aparelhos físicos que comportam potencialidades específicas, que inclusive é uma das vias de acesso mais rápido para disseminar culturas e gostos dos dominantes.



O retrato de culturas construídas por profissionais da mídia (especialmente os jornalistas) junto aos dominadores e disseminada pelos aparelhos midiáticos foi facilmente detectado por P. Bourdieu (1996). Para ele, a relação entre os grupos bem posicionados na hierarquia social e os jornalistas se insere no leque de estratégias destes primeiros, uma vez que estes profissionais executam com destreza o jogo da aceitação pública de gostos particulares. Porém, é de extrema importância salvar todas as exceções de jornalistas e donos de meios de comunicação que não compactuam com este jogo.

Mesmo assim, segundo Neveu (2004, p. 148), “o poder coletivo dos jornalistas está ligado também à sua capacidade de consagração”. E por esse viés é possível dizer que colunismo social não tem exceção, pois é um meio exclusivo de expressão de pessoas que gozam de diversos privilégios, que funciona como porta-voz dos poderosos. O exercício destes profissionais de jornalismo gira em torno da descrição personalizada de milionários, artistas e, principalmente, de políticos, visto que estes últimos armazenam grande poder simbólico.

Na década de 1920, o colunismo social ensaiou seus primeiros passos. Nesse período, os EUA ratificavam sua hegemonia no setor industrial a nível mundial, em descompasso com a Europa, que enfrentava grandes crises econômicas e conflitos sociais. Assim, devido a uma boa condição histórico-econômica e à alta efervescência cultural e intelectual, dentre outros fatores, os Estados Unidos forneceram bases sólidas para a criação do colunismo social.

No Brasil, este tipo de trabalho ganhou maior expressão nas décadas de 1950 e 1960, com os textos dos jornalistas cariocas Ibraim Sued, Jacinto de Thomes e o paulista Tavares de Miranda. Em 1940, tais colunistas traziam nos jornais informações apenas sobre casamentos dos milionários, viagens, falecimentos, mas, logo após que conheceram o estilo de escrita dos colunistas norte-americanos, as colunas ganharam tons sarcásticos, opinativos, com informações sobre cultura, esporte, e cheias de intenções, inclusive de denegrir imagens de pessoas famosas.

No caso brasileiro, é com o governo de Juscelino Kubitschek que a ascensão dos colunistas sociais se dá, uma vez que o país vive maior autonomia econômica. Diversas multinacionais instauraram-se no Brasil criando associações locais, além de outros fatores que ajudaram para que a economia se solidificasse, fazendo com que surgissem novos afortunados. Segundo Zobarán e Camara (1994), os ricos desse período



promoviam festas suntuosas decoradas nos mínimos detalhes, todos bem apanhados, os colunistas elegiam os mais elegantes e isso repercutia com muita força entre as altas sociedades.

Um fato a ser destacado é que em pleno período de repressão da Ditadura Militar, muitas empresas jornalísticas foram fechadas, houve perseguições e mortes destes profissionais, mas as colunas sociais destinadas a dominantes sobreviveram com certa liberdade justamente por representarem a frivolidade, não oferecendo risco aos ditames do regime. Não só por isso, a rede de relações mantida através da troca de favores fazia com que os colunistas sociais não fossem perseguidos.

Vasculhando os jornais do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), foi possível detectar que na década de 1960, a colunista Tereza Neumann, que noticiava somente casamentos, falecimentos, festas de galas em pequenas colunas, foi aos poucos noticiando entrevistas longas com dominantes, e assim foi ganhando páginas, conseguindo, depois, até colocar sua imagem e assinatura na página 6, parte principal do jornal *A Cruzada*. Além disso, eram poucos os jornalistas que trabalhavam como colunistas sociais.

Atualmente, há muitos colunistas sociais sergipanos, tais como Thaís Bezerra, Maria Franco, Dênisson Sant'anna, etc., e o que se pode dizer neste momento de pesquisas prévias é que impressiona a relação entre eles e os poderosos. É que o intercâmbio de interesses e relações entre estas duas classes fez com que estes profissionais gozassem de certa autonomia. Esse é o caso de Thaís Bezerra (TB) e os novos colunistas. A Maria Franco ilustra bem isso, pois antes mesmo de ingressar na carreira, viu de perto as estratégias de reprodução das elites de Sergipe por fazer parte da família Franco, uma das mais poderosas do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo contribuiu para o retorno de algumas das teorias contemporâneas que sucederam as clássicas, tendo na figura de T. Parsons o grande divisor de águas nas ideias que permeiam a esfera das Ciências Sociais. Por mais que tenha sido alvo fácil de críticas ácidas quanto ao seu modelo teórico macrossociológico, é inegável sua contribuição na apresentação de autores (Pareto, Marshall, Weber e Durkheim) e na



consolidação do espaço da Sociologia perante outras ciências (físicas, químicas, biológicas, etc.) já legitimadas. Não só isso, foram as limitações do modelo parsoniano que movimentaram uma miríade de intelectuais a seguirem correntes distintas, voltadas ao pragmatismo microssociológico, que enfatizava a necessidade de estudos *in situ*. Não obstante, no geral, a corrida das teorias sociológicas em busca da melhor explicação às demandas sociais e as buscas incessantes pela legitimação fazem com que correntes entrem em disputas, transformando o campo intelectual sociológico numa verdadeira arena de prélios.

O autor P. Bourdieu foi situado na corrente estruturalista das teorias sociológicas e, logo depois, foi mostrado como este autor desenvolveu ao longo da carreira as explicações centradas no comportamento, na cultura, na função dos sistemas sociais e as estratégias de legitimação das classes dominantes. Por outro lado, não há uma teoria sociológica ou uma corrente que consiga explicar todos os problemas que permeiam a sociedade. Sabendo disso, é necessário também ter ciência que a obra bourdieusiana também deixa brechas.

Muitas críticas foram desferidas às suas noções operacionais (campo, capitais, *habitus*, entre outros), à sua postura intelectual e política, fazendo com que a imagem de P. Bourdieu perdesse, de certa forma, a credibilidade sustentada durante vários anos do século XX. Um exemplo disto pode ser encontrado na análise de Baron, Field e Schuller (2000) sobre a Violência Simbólica. Estes autores afirmaram que este conceito junto aos vários formatos de capital, trazem insuficiências teóricas exemplificadas na ausência do sentido de luta. Para eles, a ausência deste sentido reforça o poder exercido do dominante sobre o dominado.

Estes três autores contam que na *A Reprodução*, o termo capital varia entre a conotação metafórica e a realista: “for most of the text the concept seems to refer to claims about real, stored quantities of money, language, cultural knowledge, credentials, and so on, while in other parts of the text it acts more as a general metaphor for power or social advantage” (BARON, FIELD and SCHULLER, 2000, p. 4).

Em relação à função do sistema escolar, P. Bourdieu o tem como uma instituição subordinada aos interesses das classes dominantes, mas ele não volta o olhar às tentativas de democratização escolar e à eliminação das hierarquias entre os alunos (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004).



Sem embargo, é preciso dedicar aqui um espaço para Brito (2002, p.5): “P. Bourdieu despertou paixões e ódios, mas nunca deixou ninguém indiferente”. P. Bourdieu é quem, de fato, melhor explica o funcionamento da reprodução e da imposição de visões dos dominantes. Porém, já há a compreensão das limitações de P. Bourdieu e será tomado o cuidado de não absolver tudo acriticamente, pois as análises bourdieianas se situam em espaços históricos, culturais, políticos, econômicos diferentes da realidade em que a pesquisa *a posteriori* se dedicará.

Para a confecção do estudo maior, a que este artigo vai ajudar a complementar, também serão buscados outros trabalhos, entre eles os que tratam das Elites (subdividida em políticas, econômicas, jurídicas, culturais, etc.), pois enfatizam os mecanismos de recrutamento, as reconversões sociais, os engajamentos, os estilos de vida, examinam as origens sociais, os recursos escolares, estratégias de carreira e ações de manutenção de poder (Seidl, 2008), e os que deem melhores respostas ao problema acerca das relações entre colonistas sociais e grupos dirigentes e como o colonismo ajuda a consagrar os já privilegiados socialmente. Será necessário ainda englobar trabalhos sobre as elites sergipanas e como estas atuam segundo o esquema acima mencionado, entre outros.

Quanto à questão trazida no título do artigo em vista, o que pode ser dito dos colonistas e dos dominantes, a partir das pesquisas prévias que realizei, é que há uma estreita relação entre surgimento do colonismo social para as elites em paralelo aos momentos históricos favoráveis de auge econômico, cultural, intelectual. Também foi possível perceber que existe um interesse mútuo entre este profissional – que, a partir da descrição dos dominantes, concentra recursos materiais e simbólicos, garante mobilidade entre as altas esferas sociais, perpetua uma rede de relações previamente constituída, dentre outros-, e as classes dominantes- que buscam disseminar suas imagens associadas a ações nobres, a gostos distintos, a culturas próprias, e também garantir que esteja associado a grupos que concentram poder e prestígio perante camadas populares. Ou seja, esta relação é marcada pela reciprocidade, a qual o colonista social precisa do dominante e vice-versa, para que estes dois grupos assegurem seus espaços na esfera do poder.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, J.O. **Novo Movimento Teórico**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 04, 1987, pp. 05-28.
- BALLE, Francis. Comunicação. In : **Tratado de Sociologia**/ sob direção de Raymond Boudon, com colaboração de J. Baecheler...[et al]; Tradução de Tereza Curvelo, revisão técnica de Renato Lessa.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1995.
- BARON, S; FIELD, J. and SCHULLER, T. (eds) **Social Capital, Critical Perspectives**. *Oxford: Oxford University Press, 2000*.
- BIRNBAUM, P. Conflitos. In: BOUDON, R. et al: **Tratado de Sociologia**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, pp. 213-246.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean- Claude; PASSERON, Jean- Claude. **A profissão de sociólogo, preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- _____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.
- _____. **O poder simbólico**. – 15° ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011a.
- _____. **Condición de classe y posición de classe**. *Revista Colombiana de Sociologia*. Vol. VII, n° 1. 2002, pp. 119-141.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. 7° ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011b. – (Coleção estudos; 20/ dirigida por J. Guinsburg).
- _____; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa, 1970.
- _____. **A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3ª ed. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1992.
- _____. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. – São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008a.
- _____. **A miséria do mundo**; com contribuições de A. Accardo.../et al./7.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.
- _____. **As regras da arte- gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRITO, Angela Xavier. **Rei morto, Rei posto? As lutas pela sucessão de Pierre Bourdieu no campo acadêmico francês**. *Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abril, N° 19, 2002, pp. 5-19*.
- COLLINS, R. A tradição microinteracionista. In: **Quatro Tradições Sociológicas**, Vozes, 2009, pp. 205-243.
- DE FLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 1993.



- GIDDENS, A. **Política, Sociologia e Teoria Social**. – São Paulo: UNESP, 1998.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. –São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LALLEMENT, Michel. Conflitos e historicidade. In: **História das Ideias Sociológicas. De Parsons aos contemporâneos**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MATTELART, Armand & Michèle. **História das Teorias de Comunicação**. 13° ed. Edições Loyola, São Paulo, 2010.
- MATTOS, Patrícia. Resenha: **A Distinção, Crítica Social do Julgamento**. In: BOURDIEU, P. *Desigualdade & Diversidade- Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, n° 28, Jan/Jul, 2011, pp. 303-306*.
- MOUNIER, Pierre. **Pierre Bourdieu, une introduction**. Département d'Havas Poche/ La Découverte, 2001.
- MÜNCH, Richard. A teoria parsoniana hoje: a busca de uma nova síntese. In: GIDDENS, A. et al. **Teoria Social Hoje**, 1999, pp. 175-228.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, 2004.
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NOGUEIRA, Cláudio M.M.; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições**. *Rev. Educação & Sociedade, ano XXIII, n° 78, Abril/2002*.
- PARSONS, Talcott. **A estrutura da ação social: um estudo de Teoria Social com especial referência a um grupo de autores europeus recentes**, vol. I: Marshall, Pareto, Durkheim. – Petrópolis, RJ: Vozes: 2010.
- SEIDL, Ernesto. Apresentação, in: TOMO, **Dossiê da Sociologia do Poder e das Elites**. *Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Cristóvão, NPPCS/UFFS, Ano X, n° 13, jul./dez, 2008*.
- SETTON, Maria da Graça J. **Uma introdução a Pierre Bourdieu**. *Rev. CULT, ed. 128, 2010*.
- THIRY- CHERQUES, Hermano R. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. RAP Rio de Janeiro 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**. – 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ZOBARAN, Sérgio & CAMARA, Leopoldo. **A segunda imprensa – guia para divulgadores e divulgados**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994.